



Jorge Curval

Magic Circle

Série Cosmos, Técnica mista s/ madeira, 150 cm diam



Jorge Curval

O estranho caso dos Círculos Mágicos de Jorge Curval

Jorge Curval é um artista puramente intuitivo. O seu percurso de aprendizagem fez-se desde início, e continua a fazer-se ainda hoje, apesar da experiência que ganhou, longe das academias. E tem sido desenhada nessa via a raiz do seu encontro mais profundo com a coisa da arte. Como artista, tem tido percurso constante e constantemente presente em exposições públicas, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, na cena artística, mostrando regularmente e avançando numa direcção de pesquisa nem sempre suficientemente entendida. Que significa isto? Tão simplesmente que num meio exíguo, e exiguamente atento, esse trabalho, apesar das suas óbvias qualidades, nem sempre tem tido a repercussão merecida.

É certo que o trabalho de Curval não se quer contíguo às modas passageiras que inevitavelmente acompanham o pequeno mundo da arte em todas as épocas. Ao contrário, produzido a partir de alguma solidão de que o próprio necessita, esse trabalho aprofunda-se, interroga-se, abre-se à investigação, quer dizer, acerta e erra, sem procurar fora de si a legitimação de cada um dos seus passos para lá da exigência do próprio percurso, e esperando por prémio apenas aquela alegria que só o próprio acerto proporciona. E isso é o que só os artistas conhecem, para além de toda a circunstância do aplauso. Assim, este trabalho investiga por vezes direcções mais surpreendentes, de outras detém-se no fascínio pelo que as próprias formas propiciam, seduzido por elas como Ulisses pelo canto das sereias, mas sempre movido por uma sincera vontade de pintura, de acercar tão de perto quanto lhe é possível o que possa ser vestígio de um gesto fundador e original que toque directamente o mundo misterioso das sensações.

A série de trabalhos que nos mostra agora, elaborada ao longo de quase dois anos de trabalho realizado no silêncio do atelier, assinala uma vez mais essa matriz de busca incessante e, sobretudo, da sua continuada procura de um acerto totalizador que ligue a arte com a vida, que é o propósito último de toda a arte. Esta série, que contém as obras a que chamou "Magic Circle", nasceu de uma vontade de unir a expressão plástica com a experiência perceptiva obtida através da prática da meditação tal como esta é proporcionada por certas técnicas de elevação, física e espiritual, de origem oriental. Os seus círculos mágicos, tal como os seus "Domus" (e não podemos esquecer que, no plano simbólico, o domus, a casa primordial para os romanos, constitui um dos mais fortes arquétipos do inconsciente) que nos surgem como formas misteriosas mas de uma grande delicadeza, não são na verdade mais do que tentativas de fixar percepções obtidas em estados de procura de uma espiritualidade nascida da contemplação das formas ancestrais do mundo e do cosmos.

Mas este trabalho de observação fina, que pela sua originalidade se afasta das imagens em circulação que inundam constantemente o nosso quotidiano, e que a percepção aprende a integrar e a tornar visível para o artista através dessas práticas (que sabemos bem terem sido decisivas para outros, nomeadamente para os expressionistas abstractos americanos, ou mais recentemente para Anish Kapoor) são também o plano que torna possível o pôr-em-comum e a partilha de uma certa experiência estética, quero dizer, de uma experiência singular de subjectivação. Porque é através do trabalho da arte que o artista torna visível para o espectador o caminho de uma experimentação das suas próprias sensações, e é nisso que reside precisamente o cerne da actividade estética.

Confrontados então com os resultados deste trabalho, somos por ele conduzidos a experimentar sensações que de outro modo não nos seriam directamente tangíveis. Somos levados, diante destes círculos mágicos, a ficar diante de uma forma arquetípica também ela, que é a do círculo, e que aqui se reforça porque se vai multiplicando em progressões concêntricas.

E as nossas sensações são, desse modo, inevitavelmente conduzidas para uma série de experiências perceptivas em que se misturam a estranheza e o espanto, as que começam desde logo com a sensação de sermos puxados para dentro desse vazio que parece estar na origem e no centro de todas e de cada uma destas obras. Assim, desde a sensação de sermos contemplados por um olho imenso, ou de sermos postos face a face com a cratera de um vulcão, até à de nos medirmos com o acto de contemplar, através de um telescópio potente, a configuração do cosmos à nossa volta, ou então com a imagem surpreendente de algum planeta distante, multiplicam-se em nós as experiências perceptivas que abrem o campo das sensações nessa experiência de uma outra domus, da casa arcaica, em que a nossa casa se torna o próprio universo, expandindo-se assim e alargando-se cada vez mais a nossa capacidade perceptiva. De sensação em sensação, as obras à nossa frente proporcionam-nos pequenas viagens que abrem expansivamente a nossa própria capacidade perceptiva.

Mas depois somos restituídos de volta ao que é da pintura. Ainda que cada uma destas obras seja realizada com matérias muitas delas naturais, como sejam as terras, os pigmentos naturais, os pequenos pedaços de madeira ardidos e convertidos em cinza — o que desde logo nos coloca numa matriz perceptiva que pode evocar a relação do corpo com a terra que todos experimentamos desde cedo na infância e que designa igualmente o nosso destino último — todas elas acontecem no campo da pintura.

Também sendo verdade que muitas destas obras se colocam num plano misto entre pintura e escultura, já que saem para cá do plano da parede e que, graças à sua dimensão concava ou convexa, acentuem a relação que o nosso corpo estabelece com elas, ou ainda que conservem incisões precisas que a mão do artista foi inscrevendo com a lâmina afiada de uma rebarbadeira, como se com um sabre marcial as desenhasse, elas regressam por fim à pacífica condição de pinturas, depois de nos exaltarem a capacidade perceptiva. Esse é o verdadeiro jogo (*ludus*) que a arte proporciona.

Ser e deixar de ser, mostrar, revelar e logo esconder, abrir tão-só por um momento breve a janela improvável que conduz ao invisível, para logo a cerrar e se bastar com ser coisa, quer dizer, simples presença de um trabalho humano que misteriosamente se relaciona com o simbólico (isto é, com a dimensão daquilo que une, que produz união, no sentido grego do termo *symbol*).

Então, e por este processo que associa a forma do círculo, forma antiquíssima e sempre presente em todas as realizações humanas, com a memória ancestral das técnicas artísticas mais primitivas — o uso da madeira, da terra, dos pigmentos e das cinzas —, a que se sobrepõem as inscrições luminosas proporcionadas por uma poeira de partículas brilhantes, gera no espectador o sentimento de assistir, através de uma janela, a um espectáculo cósmico: movimento de cometas, chuva de estrelas, tempestade solar ou aspectos da via láctea.

Essa introdução no campo pictórico de uma relação de referência cosmológica, que encontrávamos já na pintura medieval em particular nas iluminuras e, depois, na do primeiro renascimento, inscreve no trabalho deste artista um sentido novo, e antes impossível de lhe detectar, mesmo se desde sempre ele vem usando os materiais mais naturais nas suas pinturas. Estas obras parecem assim convocar o nosso olhar a mergulhar nelas, e com o nosso olhar o nosso corpo perceptivo, que igualmente se afunda e se perde e se inicia numa espécie de viagem sem fim, ou de uma jornada imensa cujo termo nos é desconhecido.

Silenciosas e graves, os novos e surpreendentes trabalhos de Jorge Curval transportam uma capacidade de sedução e de interrogação que nos remete para aquele espaço quase perdido em cada um de nós que foi o da nossa própria infância em que, deitados sobre a terra, simplesmente nos dedicávamos a contemplar o cosmos, muito acima de nós, numa noite de verão em que as estrelas apareciam no seu coro de luz, pontilhando o negrume da abóbada celeste de uma iluminação feérica, e deixando-nos presos ao mundo aprendendo assim, entre o extase e o espanto, que não passamos de humildes habitantes daquele imenso espaço, mas mergulhados num doce torpor dos sentidos.

Esperando porventura o milagre de ver passar um cometa ou outro qualquer fenómeno, e sabendo-nos simples grãos de poeira, no espaço e no tempo, vogando algures num universo estranhamente misterioso porque imenso, mas no entanto acolhedor como uma casa imensa o pode ser, capaz de nos conter como um grão mais perdido na sua poeira, mas sem jamais nos decifrar o mistério profundo do sentido da nossa própria existência nele.

Para isto também há-de servir a arte e a pintura: para nos devolver ao território perdido da interrogação e do espanto, ao campo sempre por desbravar da memória que nos pode transportar até à noite da infância, em que pela primeira vez se abriu, diante dos nossos olhos carregados de inocência e de espanto, o mistério de estarmos dentro do universo, fazendo parte dele.

Bernardo Pinto de Almeida
Janeiro 2013

Íris



1. Série *Rolling Stars - Good Luck*

Técnica mista s/ madeira

180x200 cm



2. Série *Rolling Stars*
Técnica mista s/ madeira
80 cm diam



3. Série *Rolling Stars*
Técnica mista s/ madeira
120 cm diam



4. Série *Rolling Eyes*

Técnica mista s/ madeira

120 cm diam



5. Série *Rolling Eyes*

Técnica mista s/ madeira

150 cm diam



6. Série *Rolling Eyes*

Técnica mista s/ madeira

65 cm diam



7. Série *Rolling Eyes*
Técnica mista s/ madeira
80 cm diam



8. Série *Rolling Eyes*
Técnica mista s/ madeira
120 cm diam



9. Série *Rolling Eyes*

Técnica mista s/ madeira

150 cm diam



10. Série *Rolling Eyes*
Técnica mista s/ madeira
90 cm diam



11. Série *Rolling Eyes*
Técnica mista s/ madeira
150 cm diam

No trajeto do sonho de Jorge Curval

Nesta viagem de sonho com Jorge Curval descobrimos com olhares deslumbrados a capacidade de expressão emocional do artista e apercebemo-nos das fascinantes descobertas sobre si num movimento projetivo profundo e doloroso, em condensações de elementos alicerçantes do seu psiquismo onde o círculo toma o lugar de centralidade simbólica: surpreendente e inesperado.

Parte dum olhar perscrutador duma Íris caleidoscópica carregada de luz e de *reverie*, que distancia e ao mesmo tempo atrai, numa inquietude pulsional de natureza sexual evidente, manifestando o desejo de troca e comunicação de olhares (“olha para mim...”) com sentimentos etéreos de inexistência psíquica. E neste impacto estético-emocional na sua, e na nossa atualidade sub-depressiva, pressente-se de um erotismo denso, agressivo e suave, ou apenas apaixonado pelo provocar defendido mas não clivado no outro. Sentimo-nos invadidos pela interioridade dos movimentos inconscientes expressos, numa voracidade irrequieta e com uma subtileza técnica cuidada, a partir do conhecimento reflexivo internalizado das experiências prévias e do sentimento projetado de longos caminhos de introspeção refletidos em evolução. A mão de Jorge Curval que ora acaricia ora agride o interlocutor.

E como um passageiro dos seus próprios sonhos ou de si, projeta angústias precoces no círculo terra-mãe, com o negro arcaico, angustiante e atrativo, por onde também passam os seus pesadelos, expressando a necessidade íntima de confirmação de objetos internos seguros e protetores. Para em seguida, procurar na profundidade securizante da terra-mãe espelhada e no “oceânico azul” a matéria apaziguadora e maternal dos medos mais arcaicos: “morte”, isto é, o esquecimento... A reparação afetiva faz-se, através da recriação em arte de memórias afetivas das suas vivências infantis e não existem personagens neste percurso mas presentem-se... no artista e nos processos de identificação do observador...

Os círculos formam-se, neste sentido, continentes de fragmentações de desvarios de exaustão física e mental, com fronteiras frágeis, pela possibilidade do desprazer destrutivo e ao mesmo tempo cumprindo a função elaboradora desta inquietante estranheza em Jorge Curval e possibilitando o conter da fuga ao abandónico fractante.

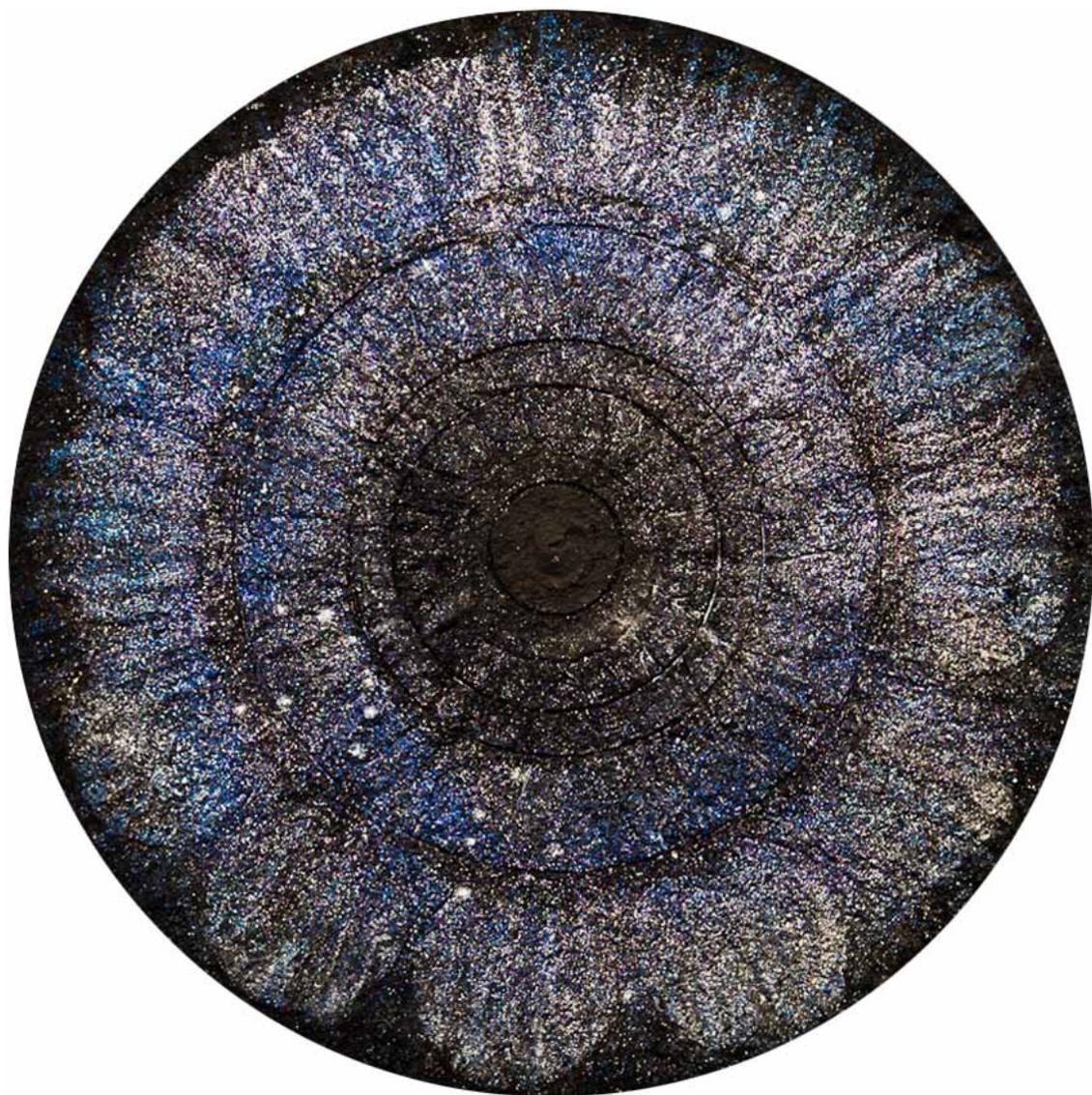
“Permite-se” daí evoluir num mecanismo inconsciente sem culpa, de sublimação estética, para cúpulas arquitetónicas carregadas de luminosidade crepuscular e de uma enorme força plástica que caracteriza o artista, como que continuando a busca de limites protetores focalizando o olhar no negro central infinito. Criando-nos ainda assim, a sensação de dúvida permanente e de inquietação na utilização entrópica de materiais dilacerantes do interno e do real num labirinto existencial. Viaja e viajamos para um mundo mítico-onírico de ilusões transcendentais e ilimitadas. A capacidade de transformar o sonho em arte .

A Arte de Jorge Curval procura entranhar-se sem esforço nem resistência inconsciente numa sucessão de interioridade pictórica e num Insight tão doloroso quanto prazeroso que visa a plenitude duma espiritualidade consentida e integradora e com uma estética marcadamente deslumbrante. O círculo permanece e continua a encantar-nos na sua provocação de coreografia visual dos sonhos intangíveis do artista.

Deixemo-nos ficar no olhar e nesta vivência de sentimentos intensa num contraditório interno que se deseja interminável.

Cláudia Milheiro
Psicanalista

Domus



12. Série *Domus*

Técnica mista s/ madeira

140 cm diam



13. Série *Domus*

Técnica mista s/ madeira

170 cm diam



14. Série *Domus*

Técnica mista s/ madeira

170 cm diam



15. Série *Magic Pictures*

Técnica mista s/ ferro

150 cm diam

Magic Pictures



16. Série *Magic Pictures*

Técnica mista s/ ferro, 1/15

112 cm diam

Berço Azul

Quem contempla o céu como se contempla a si mesmo, procura nele reflexos de nenhum espelho. Embora fincados na terra, seus pertencentes, desde sempre nos erguemos para os céus, admirando-os com grande emoção e candura. E sendo finitos por natureza mas não de coração percorremos os horizontes dessa imensidão, imensurável imensidão escura e de solidão, até onde o olhar já não consegue alcançar, e depois mais, galopando o infinito em procura desse tesouro escondido tão difícil de encontrar.

E é sorte sim o espírito continuar onde a vista já não alcança, pois como a realidade e a ficção, o real e o surreal se transpõem nas suas verdades, também é verdadeiro o espírito do homem que olha o nocturno céu estrelado e sonha, sonha e vive com a mesma força com que a longínqua estrela brilha, com que as raízes da imponente árvore se agarram à terra, com que o pequeno salmão nada contra as correntes do rio, nada com tudo o que tem e salta as quedas de água só para que possa ir desovar à nascente, e dar vida.

Para o meu pai

Afonso Curval/2012

Cosmos



17. Série *Cosmos*

Técnica mista s/ madeira

170 cm diam



18. Série *Cosmos*

Técnica mista s/ madeira

150 cm diam



19. Série *Cosmos*

Técnica mista s/ madeira

150 cm diam



20. Série *Cosmos - Blue Velvet*

Técnica mista s/ madeira

170 cm diam



21. Série *Cosmos*

Técnica mista s/ madeira

180 cm diam



22. Série *Cosmos*
Técnica mista s/ madeira
80 cm diam



23. Série *Cosmos*
Técnica mista s/ madeira
155 cm diam

Spiritual Circles



24. Série *Spiritual Circles* - Bragi

Técnica mista s/ madeira

180 cm diam



25. Série *Spiritual Circles - Silence*

Técnica mista s/ madeira

180 cm diam



26. Série *Spiritual Circles*

Técnica mista s/ madeira

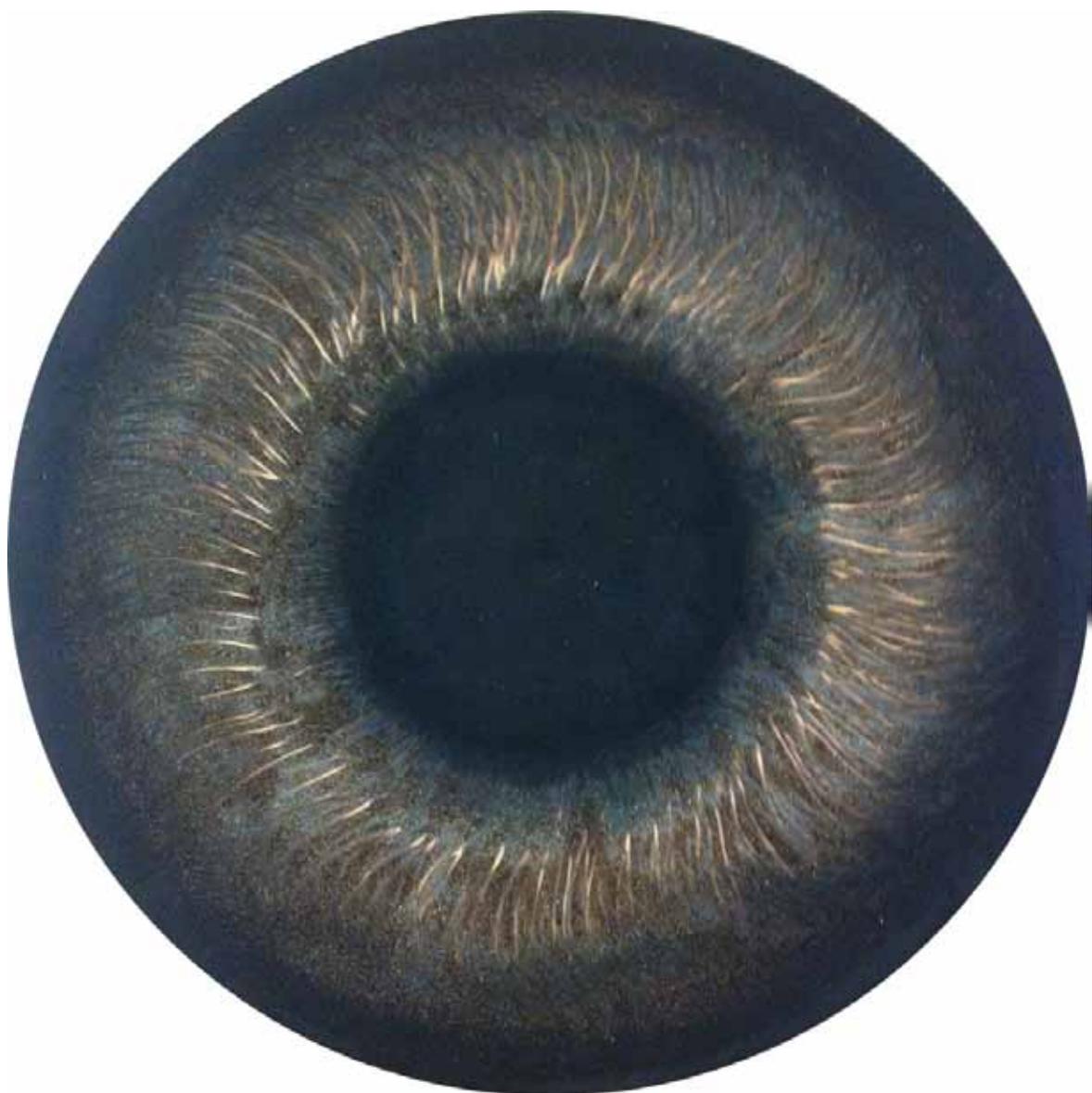
200 cm diam



27. Série *Spiritual Circles* - Afrodite

Técnica mista s/ madeira

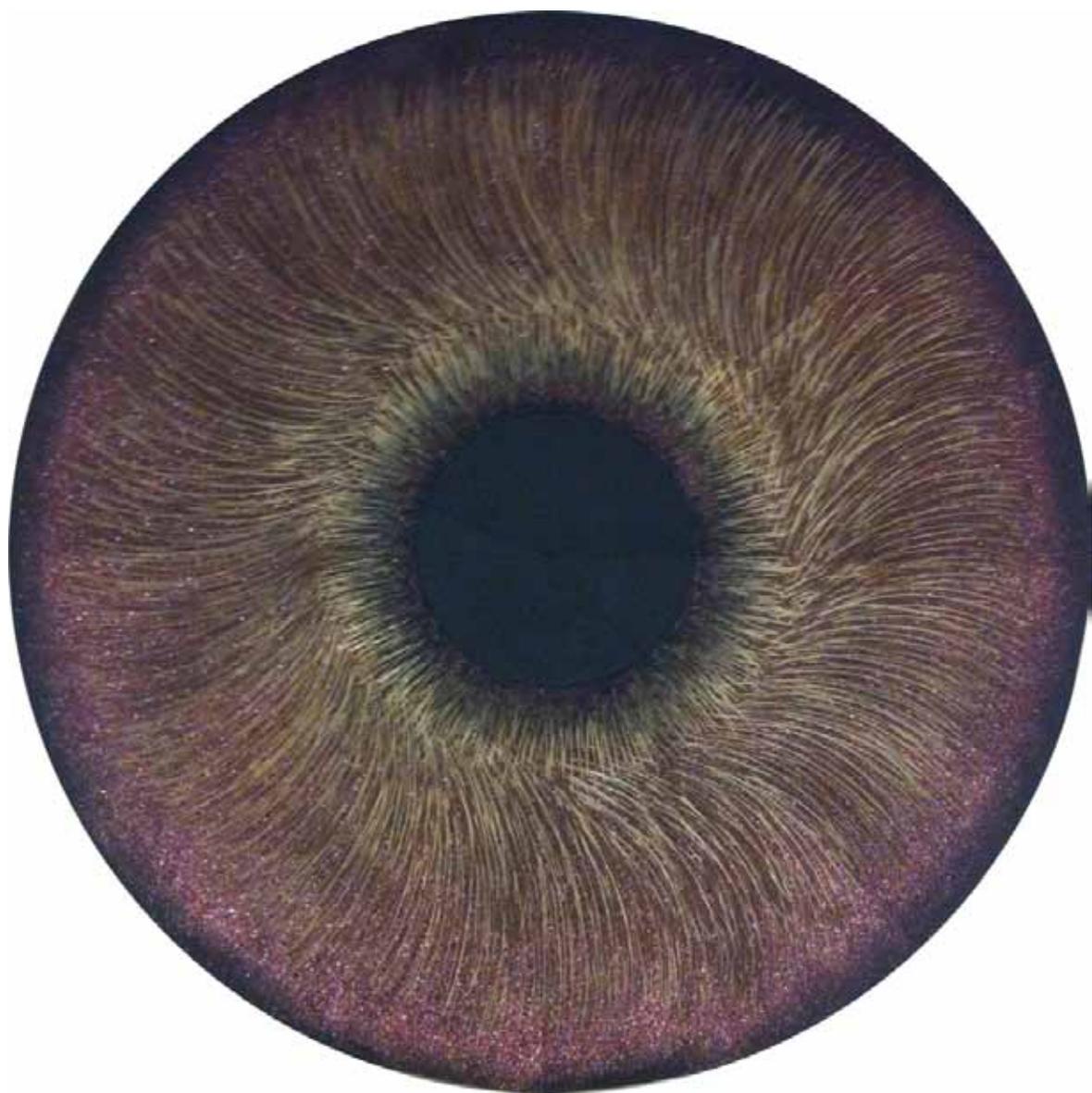
125 cm diam



28. Série *Spiritual Circles*

Técnica mista s/ madeira

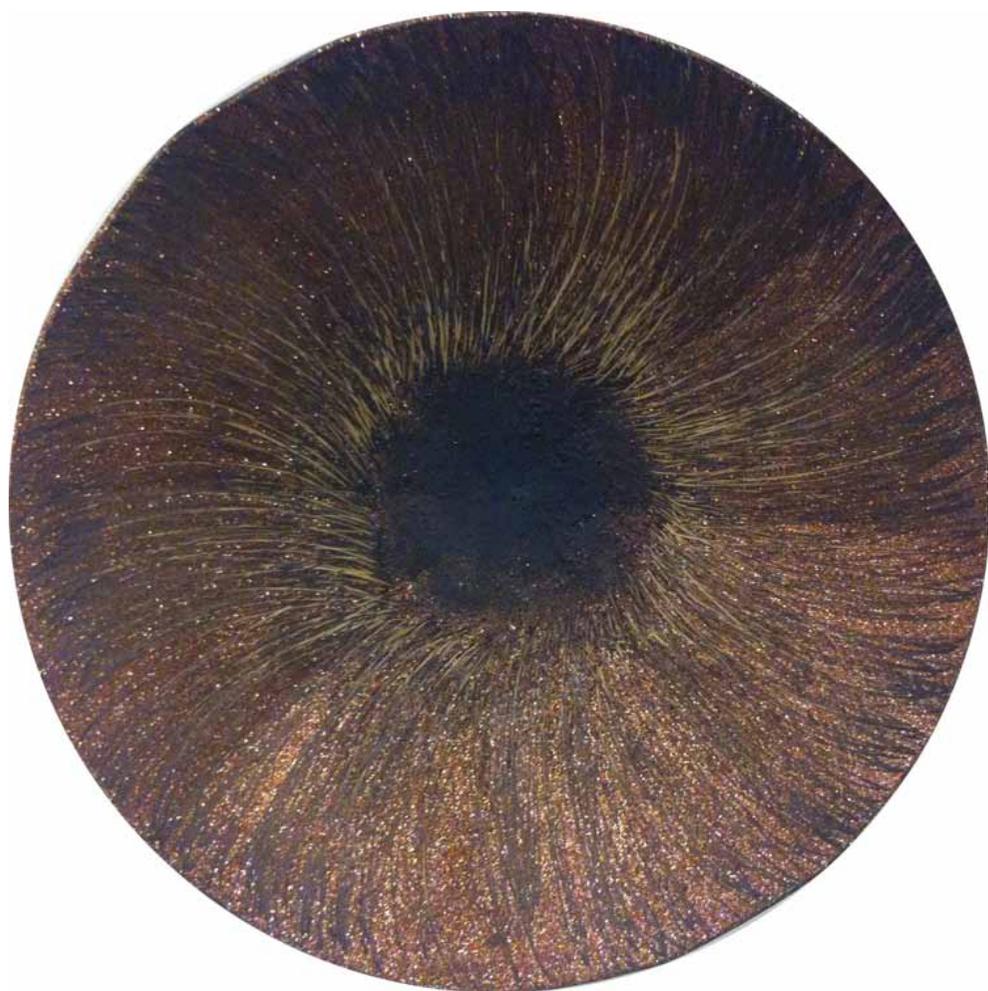
200 cm diam



29. Série *Spiritual Circles* - Thor

Técnica mista s/ madeira

200 cm diam



30. Série *Spiritual Circles*

Técnica mista s/ madeira

125 cm diam



31. Série *Spiritual Circles*

Técnica mista s/ madeira

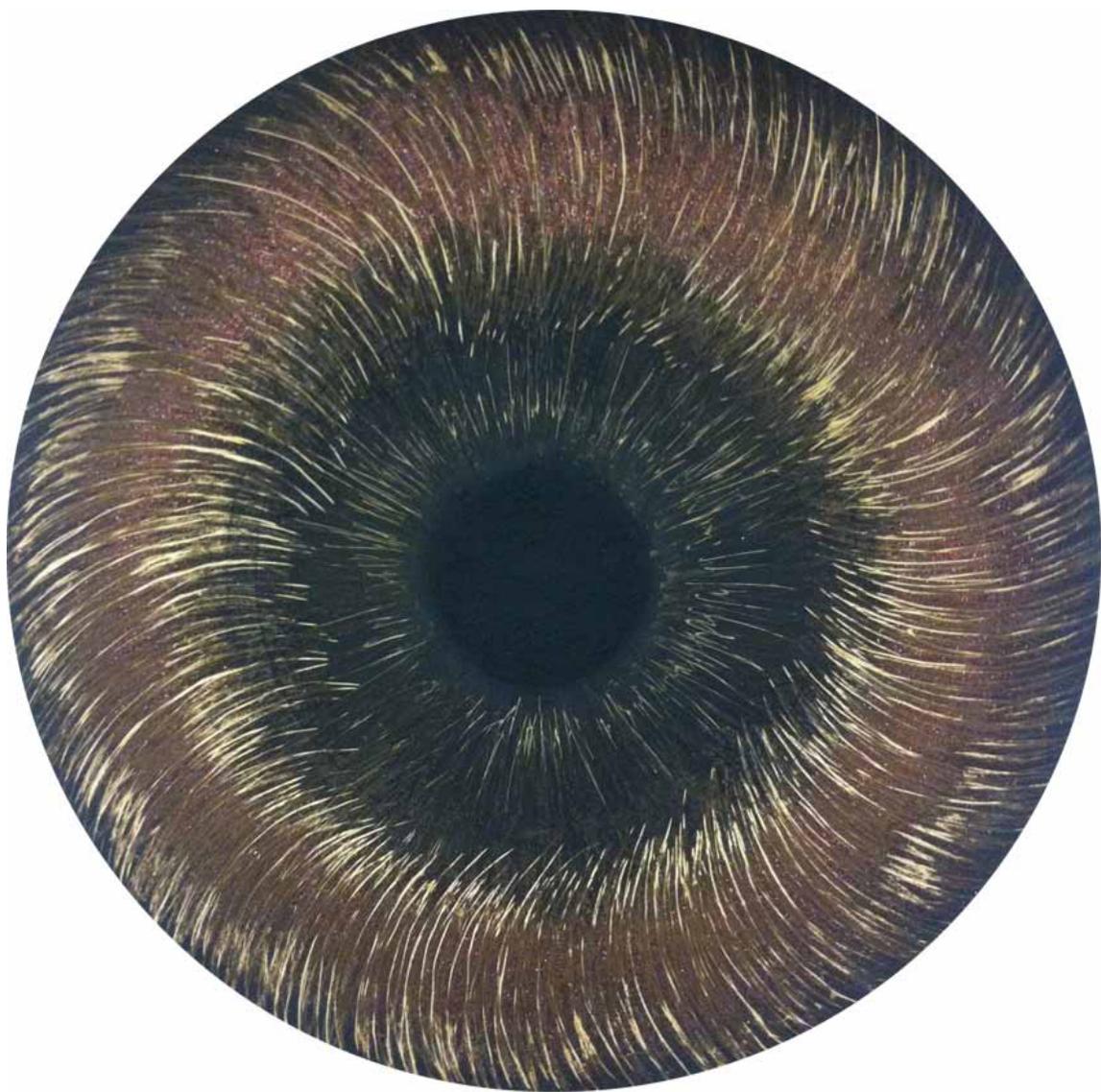
180 cm diam



32. Série *Spiritual Circles - Life*

Técnica mista s/ madeira

165 cm diam



33. Série *Spiritual Circles*

Técnica mista s/ madeira

180 cm diam

COMO DO DIA PARA A NOITE

Quando os olhares artísticos se fixaram no intuicionismo, essa forma maléfica, hábil e talentosa de sabe fazer porque sim, porque se sabe bem, porque se Acorda e há um acordo tácito com a criatividade, abre-se o Olho: a Íris, numa miose tímida, contrai-se por via de facto de excesso de Luz, por Medo, por “respect” ou porque não gosta de café e de outras drogas fáceis...

A íris, numa midríase alucinada dilata-se. Erétil e foca o cosmos numa vertigem sem medo, desrespeituosa porque gosta de “drags”, da sedução, de espíritos complicados...

É assim milenar, o diagnóstico através da observação da Íris, rolling eyes, r.e.m. e outras oframológicas expressões de arte cega, voyeurista, amestrada... para e por curadores!

Na pintura, na poesia, na escrita em movimento que é o canvas circular, roleta russa, ali na persiana que esconde e entrevê no fluxo de fotogramas digital, o Eros da Terra vista das Luas.

Agora a Noite cai num exército Interesterlar de purpurinas de contornos Gástricos, de chuva Ácida de estrelas que ameaçam o Domus, a segurança do Lar.

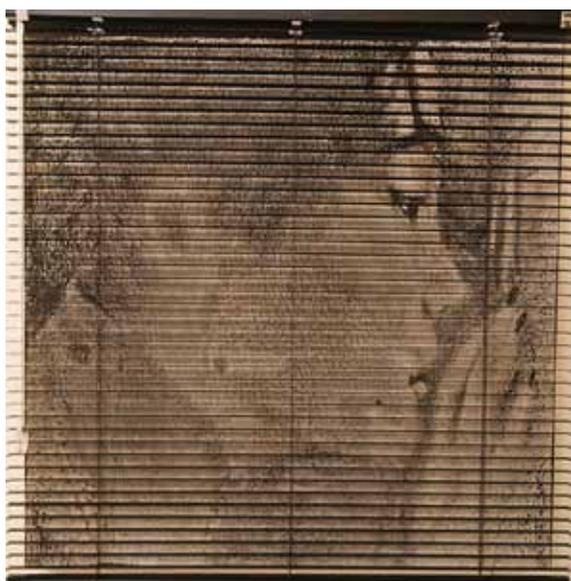
No FuscoLusco , o resto é Luz

Eu Quero um! Quem tem Olho é Rei.

Rui Reininho para Jorge Curval



34. Série *Voyeur*
Técnica mista s/ madeira
150x100 cm



35. Série *Voyeur*
Técnica mista s/ madeira
95x95 cm

Voyeur



36. Série *Voyeur*
Técnica mista s/ madeira
220x120cm

Jorge Curval nasceu no Porto em 1958.

Atelier na Calçada do Monchique de 1988 a 1998.

Atualmente trabalha no Atelier Junqueira, Vila do Conde

Exposições Recentes (Seleção)

1996 - FAC'96 - Feira de Arte Contemporânea, Porto - Galeria Minimal
Estar (Galeria / Editora), Lisboa

Galeria Quattro

1997 - "Desígnios", Cooperativa Árvore, Porto

I Bienal de Leiria

1999 - ISEP (Instituto Superior de Engenharia do Porto), Porto

"Dojo", Galeria Minimal, Porto

Museu Amadeo Souza Cardoso, Amarante

Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

X Bienal de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

FIIC/FAC'99 - Feira de Arte Contemporânea, Lisboa - Galeria Minimal

2000 - "Desígnios II", Galeria Minimal, Porto

FIIC/FAC'2000 - Feira de Arte Contemporânea, Lisboa - Galeria Minimal

2001 - ARCO 01, Madrid, Galeria Minimal

"Incêndio 98" - Galeria Minimal - Porto

Artista selecionado para a exposição "Citações/Situações", inserida na Capital Europeia da Cultura - Porto 2001.

ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal.

2002 - ARCO 02, Madrid, Galeria Minimal

- "Trees", Galeria Minimal Porto

- ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2003 - "RUPTURA 98", Instituto superior Politécnico de Viseu, Viseu.

"Natureza Perpetuada", Casa Melo Alvim - Ciclo Vinho Sentido - Viana do Castelo.

Artista convidado para a Bienal de Cerveira 2003

"Observando a natureza de cada um", Galeria Minimal Porto

ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2004 - CHEN - Galeria Minimal - Porto

ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2005 - ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2006 - Exposição Museu Bienal de Cerveira

2007 - ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2008 - ARTE LISBOA, Lisboa, Galeria Minimal

2009 - "Da vida das florestas", Ermida Nossa Senhora da Conceição, Lisboa
"Da vida das florestas", Jornal de Notícias, Porto
"Da vida das florestas", Diário de Notícias, Lisboa
2010 - "Floresta encantada", Museu Centro Memória, Vila do Conde
"Floresta Europeia", 25 Anos de Portugal na Europa, Porto
2011 - "Primavera", AP'ARTE Galeria, Porto.
"Retrospetiva" da Série "Florestas", Fórum de Ermesinde
2012 - 1ª Feira de Arte Contemporânea CB Concept Art, Espaço Arte, Centro Cultural de Belém, em Lisboa
Alfândega do Porto (Intervenção)

Dados adicionais:

Representado em diversas coleções públicas e privadas.

Entre 2001/2004 lecionou as oficinas de artes plásticas no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. Desde 1997 leciona a cadeira de Artes Plásticas da Faculdade Sénior, no Porto.

Responsável pelos Workshops de Pintura no Museu Centro Memória de Vila do Conde e no Palácio das Artes "Fundação da Juventude" do Porto.

FICHA TÉCNICA

Coordenação e Produção: Maria de Fátima Paupério

Assistente de Produção: Cátia Brandão

Texto: Bernardo Pinto de Almeida

Cláudia Milheiro

Afonso Curval

Rui Reininho

Fotografia: Miguel Dias

Montagem da exposição: Maria de Fátima Paupério

Design Gráfico: Cátia Brandão

Execução gráfica: LiderGraf

Edição: AP'ARTE – Galeria de Arte

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 355301/13

Livro publicado por ocasião da exposição de **Jorge Curval, *Magic Circle*** realizada pela **AP'ARTE Galeria**, de 19 de Janeiro a 23 de Fevereiro 2013.

Com o apoio





AP'ARTE
GALERIA DE ARTE

Rua Miguel Bombarda, 221
4050-381 Porto-Portugal
t: 351 220 120 184/5
f: 351 220 120 186
e: geral@apartegaleria.com
w: www.apartegaleria.com

